

CRÔNICA

Ricardo Pedreira • ricardobpedreira@gmail.com



Tempos modernos

Embaixador chegou ao Bar do Bigode todo vestido de branco, como sempre faz às sextas-feiras. Ele é filho de Oxalá. Além disso, tem veneração pelos Beatles e é torcedor fanático do Gama, daqueles que não perde um jogo no Bezerrão. Essas três fidelidades do Embaixador – Oxalá, Beatles e Gama – são bem conhecidas pelos frequentadores mais assíduos do botequim e o pessoal acha muito natural tamanho ecletismo. “Estranho mesmo é quem gosta de pequi”, comentou um gaiato certa vez.

Agenor é chamado carinhosamente de Embaixador porque trabalhou no Itamaraty durante 40 anos. Na função de garçom. Aposentado, bate ponto no Bar do Bigode e faz sucesso exibindo seus rudimentos de inglês ou contando histórias sobre os visitantes estrangeiros que conheceu em seu trabalho, nas recepções e jantares. “O Nelson Mandela era gente fina, mas tinha um mau hálito horroroso”. “Aquele Rei Juan Carlos nunca me enganou, estava na cara que se meteria em confusão”. “O Putin ficava o tempo todo palitando os dentes”.

Mas naquela sexta-feira, o Embaixador apareceu com outra conversa:

— Quero entrar no Túnel do Tempo. Não aguento mais!
— Quer ir para o futuro ou

para o passado? — rebateu o Gaúcho, com a naturalidade de quem é totalmente zen.

— Quero voltar, é claro! Vontade de entrar em fila de banco, de preencher um cheque.

Aí, sim, o Gaúcho se espantou:

— Ficou maluco?

Embaixador então explicou que por pouco não caíra num golpe pelo celular, desses em que pilantras se fazem passar por funcionários de banco.

— Se não fosse o meu neto aqui, teriam me depenado.

O neto era um menino de uns 10 anos, com ar muito esperto, que entrara no bar acompanhando o indignado Embaixador. Ele relatou com detalhes como o garoto o impedira de passar pelo celular todos seus dados bancários.



A história da quase vítima digital abriu a porteira para a plateia de coroas reclamar

dos tempos presentes.

— Tenho raiva de tanta senha.

— E essa tal de IA?
— Pior é reconhecimento facial.
— Harmonização facial?
— Eu gostava de andar com dinheiro no bolso. Hoje em dia ninguém tem troco. Morro de medo de perder o cartão.

Clarice Lispector, assim batizada por um professor de literatura da UnB que frequenta o Bar do Bigode, balançou a cabeça afirmativamente. Trata-se da barata decana de todas que têm abrigo no acolhedor boteco. É grisalha, sofre de artrose, mas escuta perfeitamente.

O pessoal desfiava seu rosário quando o neto do Embaixador cutucou o avô e cochichou algo no seu ouvido. Eu estava presente e reparei quando nosso diplomata do coração coçou a carapinha branca e tomou coragem para confessar:

— Essa é para vocês verem como estou ficando otário com tanta modernidade.

Contou que o golpe pelo celular foi apenas o mais recente. O que mais o envergonhava foi a vez em quase raspou suas economias para comprar, por preço absurdo, um sítio no Altiplano Leste.

— O sujeito me convenceu que ali é região de terras raras, que eu ia ficar rico!

Clarice baixou as antenhas e pensou com tristeza que seu amigo estava mesmo ficando gagá. Ninguém riu ou gozou do Embaixador.